

O USO DA LÍNGUA TERENA E A IDENTIDADE INDÍGENA TERENA NA ALDEIA IPEGUE-AQUIDAUANA – MS.

Celma Francelino Fialho (UCDB)¹

Adir Casaro Nascimento (UCDB)²

Falar de comunidade indígena do município de Aquidauana me proporciona recordações e saudades de muitas pessoas que marcaram a minha caminhada durante a minha trajetória escolar até chegar ao que sou hoje, são lembranças que nunca serão apagadas, mas sim cultivadas através de muitas conquistas obtida ao longo da caminhada na qual está presente em todo o meu ser que faz com que me identifique cada vez mais como indígena falante da minha língua o qual me orgulho muito e que me faz ser diferente dependendo de onde eu estiver. Da comunidade trago a minha descendência que demonstra na maneira de ser, embora eu tenha uma multi identidade, pois sou filha de indígenas, mãe de uma menina bilíngüe que mora e estuda na aldeia e com muito orgulho falante da língua materna, professora da escola indígena na aldeia da rede municipal de Aquidauana. As aldeia da qual eu falo já são totalmente diferentes de tempos atrás onde todos falavam **vemó'u**³ independente da faixa etária.

Nas muitas idas e vindas que hoje realizo de Campo Grande até a aldeia para ver os parentes, os meus pais e em especial a minha filha, percebo que mesmo distante do território, ou seja, da aldeia estamos ligados através do **vûro**⁴ que está enterrado ao lado da casa onde nascemos.

¹ Índia terena, Pedagoga, Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco/ Bolsista Da Fundação Ford, Professora da Rede Municipal de Ensino Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental do município de Aquidauana.

² Doutora em Educação. Orientadora. Docente e pesquisadora do Programa de Mestrado em Educação/UCDB.

³ Vemó'u, nas aldeias do município de Aquidauana significa a língua materna, ou seja, a Língua Terena.

⁴ Vûro, na língua indígena terena nas aldeias do município de Aquidauana significa o cordão umbilical e em português é o Umbigo, pois, antigamente o parto era feito na casa na aldeia e o pai do bebê cavava buraco e o cordão umbilical era enterrado ali mesmo no pátio da casa e as pessoas mais idosas acreditam que isso faz com que tenhamos uma ligação muito forte com a aldeia em todos os sentidos.

O lugar de onde falo está localizado a 70 km do município de Aquidauana e 180 km da capital do Estado de Mato Grosso do Sul (Campo Grande). Nesse município possui três PIN⁵ que são PIN Limão Verde, PIN Taunay e PIN Ipegue que compreende as dez aldeias. Ipegue onde está localizado a Escola Municipal Indígena Pólo Feliciano Pio, junto com a Aldeia Colônia Nova totaliza 5.000 habitantes numa área de 2.000 hectares.

Cada aldeia é independente, pois cada uma delas possui um líder que antigamente era conhecido como **nâti**⁶, um líder que era indicado com consentimento de todos, hoje conhecido como cacique eleito através da eleição já seguindo o modelo dos **purutuye**⁷, o líder eleito passa a ser um membro de autoridade e de destaque por cada aldeia, ao almejar conseguir algo em comum todos os líderes se juntam para lutar a favor do algo desejado. O cacique é um representante político da aldeia ele passa a negociar com os purutuye em nome da comunidade indígena onde ele foi eleito, e ele tem a responsabilidade de zelar pelo bem de todos e de cuidar da ordem, todos os que visitam a aldeia não sendo da região ou morador da aldeia deve passar pelo cacique informar o motivo da visita, e a obrigação do cacique é de consultar os conselheiros que são doze homens indicados e nomeados pelo cacique e um Presidente desse conselho que tem o mesmo poder do cacique na sua ausência.

A aldeia Ipegue, campo da minha pesquisa e dos meus estudos, é composta por 2.000 pessoas que são residentes dentro dos limites geográficos pertencentes a essa aldeia, tem grupos familiares que em sua maioria são terena, que são responsáveis pela educação das crianças e de todos os moradores da comunidade.

As comunidades indígenas desde seus primórdios vêm tendo um contato direto com sociedade regional, diante desse intenso contato com os purutuye na busca de sua sobrevivência nas fazenda, nas plantações e nas cidades acelerou o processo de desuso da língua materna na Aldeia Ipegue.

Observa-se ainda que os indígenas da Aldeia Ipegue a cada dia que passa está

⁵ PIN, na região de Aquidauana significa Posto Indígena, no município de Aquidauana existem três, sendo PIN Limão Verde, PIN Taunay e PIN Ipegue, cada Posto possui um chefe que é um representante da FUNAI e ele é o responsável pela emissão de documentos, como identidade certidão de nascimento e casamento

⁶ Nâti significa um líder que tem poder de decisão, antes ele era indicado com consenso de todos, hoje ele é eleito através da eleição e tem e fica no poder durante quatro anos.

⁷ Purutuye e a pessoa não indígena.

perdendo o uso da língua terena como fator de comunicação entre os moradores , e nota-se a dificuldade de usar a sua língua materna naquela comunidade, optando pelo uso da língua portuguesa na comunicação diária, ficando assim o idioma indígena em segundo plano no meio da comunidade e hoje somente as pessoas mais idosas utilizam a língua materna e os mais jovens já não utilizam vemó'u na sua comunicação.

Algumas aldeias do município de Aquidauana a cada dia que passa está perdendo o uso da língua Terena como fator de comunicação entre os moradores, e na dificuldade de usar a língua Terena, essas comunidades passama optar pelo uso da língua portuguesa na comunicação diária, ficando assim, o idioma indígena em segundo plano. Hoje, apenas os mais idosos usam a língua Terena e usam para a comunicação entre eles, quando falam com os mais jovens usam a língua portuguesa.

Esta situação causa preocupação em particular na Aldeia Ipegue principalmente os professores da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio da Aldeia Ipegue, levando um profundo sentimento e reflexão sobre a perda da identidade dessa comunidade, mas de acordo com Stuart Hall (2006, p.38) é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento de nascimento”.

Preocupados com língua Terena, m 1999, oi implantado pela Prefeitura Municipal de Aquidauana o Projeto Raízes do Saber. Este projeto baseia-se na nova Constituição Federal que dá o direito as comunidades indígenas de utilizarem os seus processos próprios de aprendizagem e a língua materna. Esse projeto teve como objetivo, que nas Aldeias falantes da Língua Terena, fossem implantados na grade curricular a alfabetização das crianças em idioma Terena visando a valorização e a preservação da língua. O ensino na língua materna foi surpreendente, trouxe resultados positivos e um alto índice de alunos aprovados e menor índice de repetência e evasão escolar. Diferentemente na Aldeia Ipegue, onde o projeto leva em consideração que esta comunidade na sua grande maioria não é falante da língua Terena, foi adotado o projeto de recuperação da língua Terena, para que a comunidade seja conscientizada em valorizar o que tem de mais precioso que é o vemó'u, pois a língua é um sistema social e não um sistema individual como afirma Saussure, e ainda orientado por Saussure argumenta que:

nós não somos, em nenhum sentido, os “autores” das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas no posicionamento no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (Hall, 2006, p.40).

O trabalho de alfabetização na língua materna permitiu uma experiência de suma importância no uso da língua e ao mesmo tempo trouxe uma preocupação em relação às diversas aldeias indígenas que não usam mais a língua materna, sendo substituída gradualmente pela língua portuguesa. Hall diz: “o sujeito do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno”. (Hall, 2006, p.46).

Verificando rapidamente, o primeiro ano do ensino fundamental onde o aluno falante da língua Terena é alfabetizado na sua língua materna observa-se o prazer e o interesse em aprender a ler e a escrever, com isso consideramos a importância da língua Terena como fator de relação interna na aldeia agregando grupos, fortalecendo valores étnicos e culturais, bem como na relação com as demais aldeias.

O povo Terena passou por diversas mudanças de práticas culturais que alteraram o seu modo de vida, em particular a educação e política interna nas aldeias, inclusive adotando outra forma de viver para conseguir a sua sobrevivência e estar inserido no mundo globalizado, tiveram que negociar muitas vezes e assumir várias identidades dependendo o lugar que estiver conforme afirma Stuart Hall (2006) quando afirma:

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “ crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas(p.7) ... a afirmação de que as identidades modernas estão sendo “ descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas.(p.8)

Devido a vários acontecimentos ocorrido na vida dos Terena perde-se o sentido estável fazendo com que haja deslocamento ou descentração do sujeito, isso faz com que o indivíduo terena entre em crise de identidade, pois a mudança representa um processo de transformação, e essas transformações fazem com que o sujeito indígena entre em crise de identidade.

O debate sobre a educação tem aumentado nesses últimos anos, principalmente em relação à educação intercultural e multicultural e as comunidades tradicionais estão incluídas nessa discussão, principalmente em se tratando da educação escolar indígena.

A educação nas comunidades indígenas no passado era organizada pela igreja protestante, os católicos, e pelo SPI, os conteúdos programáticos são diferentes, mas na prática pedagógica eram ensinados de forma semelhante, ou seja, igual o modelo da escola urbana.

As aulas eram ministradas por professores não indígenas, basicamente na língua portuguesa, pois não havia professores indígenas com formação adequada para ministrarem aulas e a alfabetização na língua portuguesa levou muitos anos para serem adequadas à cultura étnica dos índios. Na nova constituição federal promulgada em 1988, no seu artigo 210, assegura o índio o direito à educação na língua materna e os processos próprios de aprendizagem.

A partir desse momento a educação escolar passa por um novo momento de reflexão e execução por parte dos gestores e principalmente dos mantenedores das Escolas Indígenas. Com o direito assegurado surge o momento do professor indígena para ministrar aulas em sua língua materna e com os processos próprios de aprendizagem, trazendo assim o novo formato na alfabetização materna, valorizando a identidade cultural e preservando a cultura indígena.

O novo modelo da educação escolar indígena ganha aos poucos a inovação tecnológica que auxiliam nas palestras, sócio educativo da comunidade indígena, comunidade escolar e no aprimoramento profissional dos professores e funcionários da escola.

A escola é uma das primeiras portas de entrada da inovação tecnológica, funciona como facilitador por ser uma instituição que recebe recursos para a implantação tecnológica, como é o caso da internet, telefone, televisão, a antena parabólica entre outros, e este está presente no cotidiano da comunidade escolar.

Está inovação tecnológica também está presente dentro das comunidades indígenas que absorvem e incorporam dentro das suas necessidades e na adequação cultural, porém sem deixar de ser índio.

Diante do exposto, Stuart Hall, em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, avalia que o homem da sociedade moderna possuía uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas com a mudança estrutural no mundo a cultura está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Antes as identidades eram sólidas em suas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade. Hall, diz que a identidade cultural é contraditória, cruzando-se ou deslocando-se mutuamente, a identidade sofre contínuos deslocamentos ou descontinuidades e a escola deve estar alerta para que possa conseguir assegurar a identidade de uma comunidade, em particular as escolas indígenas onde a realidade é trabalhar a questão da valorização da identidade étnica e cultural, incluindo na grade curricular as disciplinas de suma importância como a Língua materna e a Arte Cultura indígena, como formador, revitalizador e de afirmação cultural.

Fleuri (2003), alerta para a necessidade de estarmos preparados em atender as mais variadas culturas existentes no Brasil, e as comunidades tradicionais estão incluídos, em particular a comunidade indígena, pois estes possuem uma cultura definida e que devem ser valorizadas, para que não possam perder a sua identidade em meio a deslocamentos e cruzamentos de identidades, mas sim preservar e fortalecer a sua identidade cultural diante do mundo atual.

E em meio a vários acontecimentos no mundo de hoje, os meios tecnológicos alcançaram avanço muito rápido que permite encurtar a distancia, aproximando pessoas, influenciando em adaptar-se a nova realidade do mundo ocidental, onde nem mesmos os povos tradicionais e as comunidades indígenas escapam dessa nova imposição do mundo globalizado.

O mais recente acontecimento, foi à implantação do Projeto Raiz do Saber baseado na nova Constituição Federal no seu artigo 231 onde reconhece aos índios a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, para que os alunos pudessem ser alfabetizados na sua própria língua.

De acordo com o artigo 210. § 2º: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, asseguradas às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.

De acordo com a lei nº. 6001 de 19 de dezembro de 1973 que dispõem sobre o Estatuto do Índio no que se refere à Educação no Título V. artigo 49, diz: “A alfabetização dos índios far-se á na língua do grupo a que pertençam, e em português, salvaguardado o uso da primeira”.

Diante dessas leis os projetos aplicados nas comunidades indígenas começam a valorizar a sua cultura, principalmente a sua identidade, como afirma Reinaldo Matias Fleuri quando fala a necessidade de colocar a proposta da educação intercultural, mas considerando a especificidade da formação das identidades culturais e dos processos de integração interétnica do Brasil.

A história da ocupação da sociedade Terena no Brasil passou por diversas situações em momentos diferentes, como o contato com outros grupos étnicos de forma pacífica ou de violência até mesmo de guerra.

De acordo com Martins: (2000, p.63). “Acompanhando o ingresso do Guaikuru em território brasileiro, integrante da família lingüística Guaná, filiadas ao tronco Aruak entraram, a partir do século XVIII, em território Sul Mato-grossense, entre elas, destacam-se os Terena e os Kinikinau, agricultores e excelentes ceramistas”.

Para Ribeiro (1982) em função dos conhecimentos dos Guaná em lidar com o cultivo dos alimentos promovia o suprimento das necessidades do povo Guaikuru em contra partida oferecia proteção contra o ataque dos inimigos.

De acordo com Oliveira (1976) a mudança começa ocorrer na vida dos índios devido o contacto com os não indígenas, proporcionando o contato estranho e desconhecido, encurralando os índios nos seus territórios, fazendo com que, os indígenas mudem os seus costumes e cultura, de modo geral o seu modo de vida.

Outro acontecimento na vida dos Terena foi à construção da linha telegráfica em 1900 sob o comando de Candido Mariano da Silva Rondon e, em 1904, a fundação da Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil com o objetivo de ligar a cidade de Bauru a Corumbá no Mato Grosso, este acontecimento foi marcante na vida cotidiana dos índios Terena exigindo a sua participação efetiva e intensificando o intenso contato com os purutuye, incentivando mais ainda o desuso da língua Terena.

Cria-se o SPI (Serviço de Proteção aos Índios), em 1910, e os índios Terena passam a ser visto de uma forma diferente, pois é a primeira vez que o Governo Federal assume definitivamente uma política indigenista. Com a instalação do SPI nas aldeias trouxe ainda maior interferência no cotidiano dos povos indígenas trazendo como consequência a perda da autonomia e da organização tribal dos indígenas.

Com isso, passam a ser orientado por não indígenas na pessoa do chefe do Posto Indígena, passando a servir como mão-de-obra indígena barata na agropecuária e servir aos interesses dos fazendeiros.

Dentre a comunidade Terena da Aldeia Ipegue permite-nos observar com uma peculiaridade especial que esta comunidade apresenta através dos moradores numa intensa mobilidade entre aldeia e cidades.

Nesta mobilidade os historiadores afirmam a presença de famílias indígenas instalados na área urbanas e suburbanas vivendo como cidadinas. Esses indígenas com certeza possuem suas famílias na aldeia de origem, como é o caso da Aldeia Ipegue, trazendo para a aldeia um novo jeito de viver, os costumes da sociedade nacional, em particular, a língua portuguesa.

De acordo com Oliveira (1968) as Aldeias Bananal e Ipegue canalizam para as cidades de Campo Grande e Aquidauana muitas pessoas. Bananal está em primeiro lugar, entre as aldeias, 23,91% e Ipegue em segundo com 18,11%, [...].

Durante a instalação das fazendas de gado nas proximidades da Aldeia Ipegue os indígenas serviram de mão-de-obra para atender os interesses dos fazendeiros, são aspectos que devem ser considerados pelo intenso contato com a sociedade envolvente tornando como mais uma agência de mudança da cultura.

O trabalho feminino na cidade e outro fator que deve ser considerado que traz a assimilação da sociedade regional na educação dos filhos, principalmente, usando a língua portuguesa que exige para a sua comunicação diária, e quando retorna a sua aldeia já vem com hábitos e culturas modificados. Como afirma Oliveira (1976 p. 79): [...] Estas quando migram, o fazem fora do sistema *labour migration*, pois tendem a se instalar por largas temporadas nas residências cidadinas, como domésticas, ou em hotéis e pensões, como serviçais, [...].

Somente a Aldeia Ipegue é que ficou ilhado no contexto do uso da língua como fator de comunicação, levando em consideração as três Aldeias de grande densidade populacional falante da língua Terena como é o caso da Aldeia Bananal, Aldeia

Lagoinha e Aldeia Água Branca permitem-nos pensar ainda, segundo o percentual apresentado no passado que, a Aldeia Bananal, estaria em primeiro lugar na intensa mobilidade social dos índios e que a Aldeia Ipegue estaria em segundo lugar neste deslocamento (OLIVEIRA, 1976). Qual é o motivo ou razão que levou a Aldeia Ipegue não assegurar o uso da língua Terena, enquanto que na Aldeia Bananal continua a comunicação com a língua Terena, inclusive, na alfabetização dos alunos da Escola Municipal Indígena Pólo General Rondon.

Acredito que não devemos nos fechar na nossa aldeia, mas sim reescrever o conhecimento a partir da nossa raiz, mas devemos nos abrir ao mundo globalizado estabelecendo relações entre outras pessoas principalmente os não indígenas, e mostrar que somos uma comunidade tecida, pois conseguimos através de muita negociação garantir as nossas tradições frente a vários acontecimentos ocorridos na nossa história, e somos um símbolo de resistência pois até hoje estamos crescendo e procurando recuperar mais e mais tudo o que perdemos no passado, e não somos o que os capitalistas pensam como um fracassado que aceita tudo e em alguns anos iríamos nos dissolver no meio capitalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENFELDER SILVA, Fernando. *Mudança Cultural dos Terena*, Revista do Museu Paulista, volume III página 319, 1946.

BRASIL, Constituição Brasileira. Brasília, 1988.

FLEURI, Reinaldo Matias (org.). *Educação intercultural, mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONÇALVES. E. C. O. – *Lixo como Problema Ambiental na Aldeia Bananal do Posto Indígena de Taunay no Município de Aquidauana – MS*: Base para discussão sobre Planejamento Local. Aquidauana – MS. 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*/ Stuart Hall; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11^o. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTINS. G. Rodolfo *Breve Painel etnohistórica de Mato Grosso do Sul*. 2^a ed. Campo Grande: UFMS, 2002.

OLIVEIRA. R. C. *O Processo de Assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Universidade do Brasil, 1960.

OLIVEIRA. R. C. *Urbanização e Tribalismo: A integração dos Índios Terena numa sociedade de classes*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

OLIVEIRA. R.C. *Do Índio ao Bugre: O processo de Assimilação dos Terena*. Francisco Alves. Rio de Janeiro. 1976.

RIBEIRO, D. *Os Índios e a Civilização: A integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno*. 4^a Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.